

PRODUÇÃO DO ESPAÇO: A MERCANTILIZAÇÃO DA NATUREZA, DA TERRA, DO TRABALHO E DA VIDA COTIDIANA¹

Lucia Naegeli

Mestre em Geografia, Pontifícia
Universidade Católica do Rio de
Janeiro - PUC-Rio
Professora do Departamento de
Geografia do Colégio Pedro II

Resumo

O objetivo deste trabalho é compreender as transformações do espaço através de sua mercantilização numa fazenda, ocupada por posseiros e em processo de desapropriação para ser transformada em assentamento. Essas transformações espaciais serão analisadas em momentos distintos, ou seja, a produção social ao longo do processo histórico num período de cerca de 100 anos. Algumas questões foram desenvolvidas ao longo do trabalho no sentido de perceber a alteração da organização do espaço da Fazenda e sua relação com a lógica da expansão urbana nas várias escalas, global, nacional e local; a forma como a lógica de uso da terra rural e urbana se expressa no espaço; o modo como as novas funções do espaço contribuem para sua reorganização. Todos os resultados obtidos foram dispostos numa matriz espaço-tempo e utilizada, ao longo do trabalho, para pensar sobre as diferentes maneiras com que os elementos especificados na matriz: terra, sujeitos sociais, trabalho, produção, natureza, Estado, organização e lutas se relacionam e tensionam contribuindo para a compreensão da produção do espaço da Fazenda Cantagalo.

Palavras-chave: Produção do espaço; reprodução do capital; mercantilização do espaço; trabalho de campo; matriz espaço-temporal.

SPACE PRODUCTION: THE COMMODIFICATION OF NATURE, LAND, WORK AND EVERY LIFE

Abstract

This dissertation aims at understanding the space transformations by means its commodification, based on the study of a farm, in a rural area at first occupied by squatters and currently undergoing a process of expropriation, so that it is transformed into a settlement. These spatial transformations will be analysed in different moments, which encompass the examination of social

Endereço institucional:

Campo de São Cristóvão no. 177,
São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ,
Brasil, CEP 20921-440.

Endereço eletrônico:

lucia.naegeli@gmail.com

¹ Este artigo constitui um resumo da dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, que teve a orientação do Professor Doutor João Rua, em setembro de 2019, intitulada *Da Casa de Farinha à Roda Gigante: a produção do espaço e a reprodução do capital na Fazenda Cantagalo, município de Rio das Ostras, Rio de Janeiro*.

production along the historical process during a period of approximately 100 years. Throughout the research, the focus was the change of the organisation of Cantagalo Farm space and its relation with the logic of urban expansion in various scales: global, national and local; the way in which the logic of the use of rural land is expressed in space; the way the new space functions contribute to its reorganisation. All the obtained results were disposed in a space-time matrix, used, throughout the research, as an operational procedure for reflection about the different manners in which the elements specified in the matrix (land, social subjects, work, production, nature, State, organisation and struggles) are interrelated and wound up, contributing to the understanding of the production of space in Cantagalo Farm.

Keywords: Space production; reproduction of capital; space commodification; field work investigation.

Introdução

Comecei a ter contato com a questão fundiária na década de quando os estudos geográficos que tratavam dessa temática privilegiavam a análise espacial das relações entre agricultura e desenvolvimento no Brasil, a penetração do capital de origem urbana no campo que se expressava, sobretudo, na expansão da fronteira agrícola da Amazônia.

A velocidade com que se dava a apropriação e a produção do espaço pelo capital privado contava com o apoio do Estado, através de subsídios, financiamentos, implantação de infraestrutura e equipamento urbano, contribuindo para a valorização diferencial do espaço e permitindo que os ocupantes tradicionais das terras fossem deslocados, expropriados ou reduzidos à condição de reserva de mão de obra.

Então, acompanhando os estudos desenvolvidos na fronteira agrícola da Amazônia, eu me perguntava se numa área de fronteira agrícola tradicional, com ocupação consolidada pela economia cafeeira e pela pequena produção, a problemática do acesso à terra não ocorreria de forma tão grave como na Amazônia.

E eis que uma cena se apresentou diante de meus olhos, durante um trabalho de campo em que estudávamos a relação ente a pecuária e o equilíbrio ambiental no estado do Rio de Janeiro, no município de Casimiro de Abreu, em 1983, coordenado pela Professora Maria do Carmo Galvão. Chegamos a uma praça num lugarejo

chamado Cantagalo. Tratava-se do que se chamava à época de um bolsão de bóias-frias, local para onde os trabalhadores temporários se dirigiam a fim de ser recrutados para o trabalho nas fazendas e sítios próximos. Homens que haviam transferido seu direito de posse e, não mais conseguindo adquirir outras terras, vendiam, na praça, sua força de trabalho.

Fazíamos nossa pesquisa utilizando uma kombi da universidade que, por isso, trazia uma placa branca, pois se tratava de um carro oficial. Pensando que trabalhávamos no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, os posseiros penduraram-se em nossos pescoços, em desespero, alguns choravam, por um pedaço de terra.

Através da situação dramática desses posseiros chegamos à Fazenda Cantagalo, uma antiga fazenda de café. Uma parte de seus moradores era quilombola, descendentes de escravizados que haviam obtido, da antiga proprietária, as terras que cultivavam para subsistência através de uma divisão demarcada com pequenas pedras, destinando lotes aos seus antigos empregados.

Temos presenciado, nos últimos anos, mas, principalmente, a partir de 2016, as políticas do governo de desmonte das estruturas sociais do Estado, acabando por inviabilizar a reforma agrária, promovendo a aceleração da grilagem, a mercantilização e destruição da natureza, incluindo a venda de terras para grupos estrangeiros, apontando para o aumento da concentração de terra no Brasil e acirramento dos conflitos.

O espaço da Fazenda Cantagalo, que vivenciou o ciclo da economia cafeeira escravista, sua estagnação, a lavoura de subsistência, a organização dos trabalhadores, a chegada dos fazendeiros com a atividade pecuária, a modernização, o assentamento, vive hoje a fase atual do modo de produção capitalista que está sendo conhecida por financeirização. Nessa perspectiva, a problemática com a qual me deparei foi a mercantilização da natureza, da terra, do trabalho e da vida cotidiana como elemento chave para compreender as transformações espaciais da Fazenda Cantagalo ao longo de um período de tempo. E a questão que norteou todo o trabalho foi: quais as novas estratégias do capital para acumular riqueza e em que

medida afetam a vida dos trabalhadores e moradores da Fazenda que veem na terra sua forma de reprodução e sobrevivência?

O espaço sempre foi dinâmico, mas hoje, sendo o ritmo das mudanças mais acelerado, torna-se relevante investigar o processo, ou os processos que movem essa dinâmica. Pensar o espaço hoje é pensar o espaço na sua complexidade: como uma realidade concreta, como representação, como construção intelectual. É pensar o espaço como condição, meio e produto da ação humana, portanto, um processo que ganha nova dimensão. A produção do espaço, amplamente impulsionada pela valorização do capital, pode ser investigada como possibilidade de compreender o mundo contemporâneo que impõe novos padrões de organização, novos comportamentos e novas relações entre os indivíduos.

Percebo que existe, na Fazenda Cantagalo, uma intensa venda de terras, parcelamento em lotes, aluguéis de casas e terrenos e grande mobilidade de seus moradores. É constante a chegada de novos habitantes, principalmente vindos de Macaé, em busca de moradia na Fazenda, fugindo dos altos preços dos terrenos e dos alugueis nos municípios vizinhos mas também é constante a saída de outros.

Pelo fato de a pesquisa abranger um longo período de tempo, se levarmos em conta as informações orais, obtida através dos moradores da Fazenda, e a planta da mesma, que data de 1891, acompanhamos um período de cerca de 100 anos, e o trabalho empírico se realizou em dois momentos diferentes, na década de 1980 e nos dias de hoje, em 2018 e 2019, por isso, com marcos teóricos e metodológicos diversos.

O objeto desta pesquisa foi a transformação do espaço exemplificada, empiricamente, na Fazenda Cantagalo e materializada pela dinâmica do mercado de terras e mobilidade de seus moradores. É desse espaço, de conteúdo real, que me ocupei, retirando sua estrutura e sua dinâmica, tal como ele é em si mesmo, na sua existência real, produtor de um processo. É no espaço que acontecem as disputas e os confrontos. Por isso, ele é objeto de múltiplas estratégias: do Estado, dos moradores da Fazenda, de empresas, de entidades da vida civil, enfim, dos usuários e dos usufruidores do espaço.

A Fazenda Cantagalo constituía uma propriedade que foi repartida entre os trabalhadores, que se tornaram posseiros, e está em processo de desapropriação para

ser transformada em assentamento. Hoje, permanecem na terra parte dos candidatos a assentados, outros venderam seus lotes, novos moradores estão saindo e chegando em movimentos que revelam a dinâmica do espaço na demarcação de múltiplos territórios.

O objetivo principal desta pesquisa foi compreender as transformações do espaço através de sua mercantilização na Fazenda Cantagalo em momentos distintos, ou seja, percebendo o espaço como momentos da produção social ao longo do processo histórico. Essas transformações seguem a lógica da expansão urbana através da qual coexistem uso da terra rural e urbano gerando novas funções urbanas que contribuem para a constante reorganização e movimento do espaço. Então, propus algumas questões, que foram desenvolvidas ao longo do trabalho para tentar responder esse objetivo: (1) em que medida a lógica da expansão urbana, nas várias escalas, global, nacional e local, altera a organização do espaço da Fazenda? (2) como se misturam a lógica de uso da terra rural e urbana e como se expressam no espaço? (3) de que forma as novas funções do espaço contribuem para sua reorganização? (4) até que ponto o Estado estimula o desenvolvimento de atividades econômicas na Fazenda?

Os objetivos específicos tratam da mercantilização do espaço para compreender, na lógica do capital, as estratégias utilizadas pelos capitalistas para aumentar seu poder econômico, se expandir e se reproduzir, sendo o espaço uma das estratégias de manutenção da acumulação capitalista. Essas estratégias foram analisadas no âmbito de quatro variáveis: natureza, terra, trabalho e vida cotidiana.

O primeiro objetivo específico foi compreender como o capital transforma a natureza num negócio, enxergando-a como reserva de valor de troca, podendo ser apropriada para a produção de valores, como mercadoria. A partir desse objetivo, tentamos levantar as evidências dessa estratégia do capital no espaço da Fazenda Cantagalo e analisar as consequências sobre a vida dos moradores.

O segundo objetivo específico foi compreender de que forma, na Fazenda Cantagalo, se deu a apropriação do espaço pela posse da terra, avaliando a valorização da terra no município de Rio das Ostras, investigando a oferta de terras na Fazenda, identificando a lógica do capital que impulsiona o mercado de terras, compreendendo

a relação entre a apropriação da terra pelo capital e a reprodução social dos moradores, para quem a terra é um bem fundamental, verificando a forma pela qual o espaço urbano é utilizado como elemento de valorização do capital.

O terceiro objetivo específico enfatiza a estratégia de reprodução do capital através da trajetória dos moradores da Fazenda, destacando a configuração das relações de trabalho como estratégia de reprodução social, de resistência ou permanência na Fazenda, verificando os processos histórico-político-familiares que contribuíram para a afirmação da identidade como moradores da Fazenda, identificando as diversas formas de organização do trabalho, como são produzidas e reproduzidas no espaço, a correlação entre a necessidade de expansão do capital e a configuração das relações de trabalho, compreendendo a pluriatividade como estratégia de reprodução social, identificando os laços de parentesco e as relações de vizinhança, compreendendo a vida cotidiana e o modo de vida dos moradores da Fazenda.

Um dos métodos de investigação nessa pesquisa foi a descrição vendo esse método como elemento fundamental da análise geográfica. A descrição da Fazenda, a princípio, contribuiu para que eu começasse a perceber que para além da organização espacial está o movimento do capital, das pessoas, da terra. Outro método de investigação nessa pesquisa foi o método materialista histórico e dialético, conduzindo à compreensão do espaço como um produto histórico e social no qual uma sociedade, em um determinado momento histórico e das relações econômicas e sociais de produção interage com ele. Ao mesmo tempo em que ele é produzido, interfere na produção. (CARLOS, 2007).

Henri Léfèbvre criou um arcabouço metodológico que permite mostrar que o espaço não tem uma lógica interna própria, ora dependente de uma lógica preexistente, ora sendo a própria lógica. E permite analisar o tempo, assim como o espaço, com suas propriedades: conjunto e disjunto ao mesmo tempo, abstrato e concreto, homogêneo e desarticulado (LÉFÈBVRE, 2008).

Cantagalo não vivenciou intensamente, embora receba os impulsos, o processo de financeirização e, sim, o de mercantilização que constitui a problemática da pesquisa, a mercantilização do espaço a partir do estudo de quatro elementos:

natureza, terra, trabalho e vida cotidiana. Aos poucos fui percebendo o movimento das pessoas na busca por emprego, na venda de terras, no comércio, na movimentação para o lazer.

As transformações do espaço da Fazenda são resultado de um acúmulo de formas herdadas do passado: a Casa de Farinha, os trilhos da Estrada de Ferro Leopoldina, a balança de pesagem do gado, a estátua do galo na praça, deixam marcas no espaço. Os moradores da Fazenda, a antiga proprietária e os homens escravizados que trabalhavam para ela, os posseiros e os fazendeiros deixaram formas que expressam as diversas práticas de uma época. Algumas delas podem ter sido ressignificadas, como a praça, onde o local para recrutamento de boias frias na década de 1980 hoje é usado como estacionamento, e os carros de bois ou cavalos foram substituídos por carros, motos e caminhões. Ou os sítios que substituíram a produção na lavoura e na pecuária e se transformaram em clubes de campo, servindo ao turismo e lazer. Esse espaço também se abre para possibilidades.

A Fazenda Cantagalo não é um lugar onde se percebiam, de forma explícita, as características da financeirização, conforme já afirmado. Ali existem pequenos investidores que não adquirem ativos, seu capital não tem origem no mercado financeiro, não têm como atividade principal a aquisição de ações de empresas, não aplicam em fundos de investimentos nem securitização de dívidas, mas usufruem das vantagens proporcionadas pelo capital e existe alguma articulação de suas atividades aos processos globais para produzir o que resulta no espaço da Fazenda. Parece claro ter havido alguma sofisticação de mecanismos de organização do capital no sentido de direcioná-lo para setores que permitiram àqueles que detêm o capital alcançar melhores condições de vida, produzindo novas relações de competição no próprio espaço da Fazenda.

No meu entendimento, o que existe em Cantagalo são espaços de reprodução social onde são gerados focos para acumulação de capital em função de pequenos negócios. Quando falamos em financeirização influenciando o mundo do trabalho pode parecer que estamos nos referindo a um processo muito distante do universo de Cantagalo, mas, no devido contexto, estamos nos referindo aos que usufruem dessas vantagens proporcionadas pelo capital e aqui representados pelos comerciantes da

construção civil, do setor imobiliário e de serviços que, por sua vez, também dependem, e são comandados, no plano mais geral, pelo capital financeiro.

Assim, busquei apreender esse processo e suas implicações nas transformações do espaço a partir de quatro elementos, considerando a especificidade da reprodução do capital em cada um deles: natureza, terra, trabalho e vida cotidiana para definir as condições de reprodução social, as práticas possíveis e formas de apropriação nesse espaço. Decerto esses elementos estão articulados de forma dinâmica, influenciando na forma como o espaço na Fazenda é produzido de acordo com a maneira como o capital se apropriou de cada um deles.

A Fazenda Cantagalo no tempo e no espaço

A Casa de Farinha, símbolo da vida rural, da fazenda de café, da tradição, da população enraizada, da lavoura, da luta pela terra; e a Roda Gigante e o rally, símbolos da vida urbana, do tempo rodando rápido, do barulho, dos gritos aflitos, da modernidade, do dinheiro circulando.

Na Praça Cantagalo, a estátua do Galo, nem urbano nem rural, ou melhor, urbano e também rural, reunindo a singularidade daquele lugar que é um modo de pensar, de sentir, de viver, preparando-se, talvez, para o próximo momento de ruptura que poderá levar os sujeitos sociais de Cantagalo a um novo rearranjo espacial. Não podemos prever se haverá luta organizada, como aconteceu na década de 1960 pelas Ligas Camponesas, ou nas inúmeras vezes em que os sujeitos da Fazenda enfrentaram os fazendeiros que destruíam suas lavouras. Os elementos que poderão integrar essa luta estão ali: os interesses do capital, a ação ou falta de ação do Estado, as frágeis e instáveis relações de trabalho, o espaço em processo de mercantilização sob várias formas: natureza, terra, trabalho e vida cotidiana.

De fato, o capital sempre esteve ali em Cantagalo: na fazenda de café, na figura do proprietário da Fazenda, José Maria Rollas, nos fazendeiros e “engenheiros” que chegam, nos restaurantes e nos sítios de lazer, nas mansões de veraneio. Varia a forma de investidura desse capital.

A produção do espaço na Fazenda Cantagalo tem uma história de longa duração, aqui estudada desde o final do século XIX até os dias de hoje e que envolve

o trabalho de seus moradores nesse espaço para atender as suas necessidades de reprodução, portanto, o espaço como representação da condição de realização de suas vidas. (CARLOS, 2015, 2018).

Tentando compreender o cotidiano dos sujeitos sociais que vivem em Cantagalo se percebe que o ato de produzir a vida é um ato de produção do espaço e as relações sociais demandam um espaço e um tempo. Esses sujeitos sociais se apropriaram do espaço tanto na perspectiva de ser o lugar onde acontecem todas as ações relacionadas a seu trabalho e sua vida, como na perspectiva do espaço que contém, na sua própria natureza, uma significação social determinada pelas relações sociais que ocorreram nesse espaço-tempo em que vêm realizando seu movimento de reprodução. Nessa abordagem, Cantagalo é a materialidade resultante desse movimento de reprodução que tem seus elementos registrados na matriz espaço-tempo que me ajudou a dar visibilidade à realidade vivida por esses sujeitos e que, de uma certa forma, sintetiza a produção do espaço e também permite entender seu movimento.

Rua lembra que as localidades rurais, e também as urbanas, nunca ficam cristalizadas no tempo, mesmo que represente uma reserva de valor para o capital, à espera de ser mobilizada, sendo essa sua forma de participar da divisão social e técnica do trabalho (RUA, 2017, p. 462). É essa sensação que tenho ao tentar compreender Cantagalo. Cada sujeito social tem sua localização no mundo e, por isso, tem uma linha de pensamento e uma determinada prática. O trabalho intermitente, que nunca havia sido cogitado pelos que vivem há muito tempo na Fazenda, é decorrente de uma série de fatores, externos e internos ao país e que rapidamente se reproduziu em Cantagalo. Da mesma forma, como surgem novas modalidades de trabalho, a matriz nos mostra que existem categorias de trabalhadores não mais existentes, como o morador, o agregado e o agricultor escravizado.

O processo de construção do espaço da Fazenda apresentado nesse trabalho, delimitado por períodos inseridos em contextos local, municipal, estadual, nacional e mundial traz um movimento, segundo Santos, representado pela luta entre contrários que se chocam e criam uma nova realidade. Ao longo de todo esse tempo,

inúmeros elementos participaram desse processo dialético, formando pares dialéticos que geraram contradições (SANTOS, 2014).

Uma dessas contradições pode ser observada no processo de produção social do espaço da Fazenda pela apropriação privada de parcelas de terra quando finalizar o processo de assentamento. Essa terra ainda não pertence ao INCRA, por impedimentos legais, e, no momento em que se tornar propriedade do órgão se iniciará o processo de assentamento. Na verdade, correspondem a parcelas do bairro da periferia para onde a cidade se expande, servindo às necessidades de acumulação do capital.

Por outro lado, existem os sítios de lazer e as casas de veraneio, também em regime de posse, que foram adquiridas de antigos posseiros. A situação da terra hoje é resultado de um conjunto de contradições que tem como antecedentes a proprietária da Fazenda que parcelou sua propriedade doando lotes aos trabalhadores com a promessa de legalizar a situação, o que não ocorreu, permitindo uma nova aquisição, por José Maria Rollas, que, como proprietário, usufruiu de seu direito legal de obter a renda da terra através do trabalho de arrendatários e parceiros.

Considerações finais

Os trabalhadores que chegaram à Fazenda em busca “de um pedaço de terra para viver” trouxeram, em suas histórias, fracassos e expulsões de outros locais, vislumbrando em Cantagalo uma nova vida e um futuro melhor. Mesmo na Fazenda, antigos e novos moradores já se encontraram sob ameaça de expropriação, quando não, da perda da terra ou necessidade de abandono da mesma por falta de segurança jurídica ou pressão de terceiros.

Essa situação gerou conflitos, em diversos momentos, mais explícitos quando envolveram o proprietário da Fazenda ou fazendeiros, menos evidentes quando a urbanização foi se expandindo pela via dos hábitos do consumo. A sociedade urbana se apresenta como uma realidade que se generaliza e que diz respeito à sociedade inteira, o que quer dizer que a sociedade inteira se torna urbana.

O espaço é, cada vez mais, o espaço mundial, a sociedade urbana na sua totalidade. A cidade se apresenta como condição e meio para que se instaurem

relações sociais diversas. Apresenta um modo determinado de apropriação que se expressa através do uso do solo. Embora esses moradores tenham grande relevância na produção desse espaço, não têm o comando da lógica de funcionamento do mesmo e, por isso, sua prática, ao longo desses cem anos em movimento, tem se limitado, na maioria das vezes, à adaptação a essa lógica e, portanto, nem sempre tiveram autonomia para produzir.

Hoje, a lógica do capital vem buscando terrenos com menores preços, o que significa lugares mais distantes das centralidades urbanas que, geralmente, apresentam problemas de acessibilidade, infraestrutura e serviços, como parece ser o caso da Fazenda Cantagalo.

Na verdade, os interesses do capital sempre predominaram. Segundo Harvey, para Marx, o capital representava algo mutável, dinâmico, cabendo ao futuro da história dizer se seria algo sustentável ou não (HARVEY, 2013). Tentando compreender um pouco mais, a partir do estudo da mercantilização sobre a natureza do capitalismo, vai se constatando que não é eterno o modo de produção capitalista. Mas é certo que se apresenta de modo antagônico à democracia no sentido de que não melhora a vida de todas as pessoas, ao contrário, para que uns se beneficiem, outros precisam ter perdas.

Para esses sujeitos sociais, trabalhadores que vivem na Fazenda, viver é urgente, não dá para esperar decisões de governos e órgãos oficiais. Para mim, é de uma desolação sem tamanho voltar ao início do texto, quando em 1970 minha preocupação se dirigia aos moradores tradicionais das terras, os posseiros que, naquele momento, estavam sendo deslocados, expropriados e reduzidos à condição de reserva de mão de obra e constatar, quase cinquenta anos depois, que a situação desses sujeitos sociais só se agravou porque o preço da terra é alto e o emprego passou a ser o grande assombro. Mesmo a reforma agrária, que poderia dar segurança jurídica a esses sujeitos sociais, no Brasil é um projeto capitalista que transforma trabalhadores sem-terra em pequenos proprietários, mediante o pagamento, a preços baixos, feitos pelos assentados, para obter seus títulos de propriedade. Apesar de existir, também, a modalidade da titulação coletiva pela qual um grupo de pessoas

escolhe ser proprietário coletivamente, sem que exista o título de propriedade privada, este não é o caso na Fazenda Cantagalo.

Pela via do Judiciário, a morosidade da tramitação dos processos vem direcionando a visão de que manter a propriedade ociosa, contrariando a lei que exige o cumprimento de sua função social que é produzir, consiste num bom negócio e parece ser uma estratégia de valorização da terra. Por outro lado, aqueles que perdem a terra são os mesmos que, durante todo esse tempo, contribuíram para valorizá-la, além de criar as diversas redes de comunicação e movimento quando imprimem no espaço suas práticas sociais.

As soluções para melhorar a vida das pessoas nesse espaço teriam que ser pensadas pelos que transitam nele. Por isso, a resposta pode vir desses sujeitos, os mais afetados pela lógica do capital e a quem caberia exigir um questionamento dessa lógica. Mas eles precisam pensar diretamente na sobrevivência. Por mais que se movimentem, continuam presos às amarras do *transporte imposto* a que têm que se submeter para sua reprodução social, o que lhes rouba grande parte de seu tempo e de sua energia, e à espera de uma terra da qual não são ainda proprietários. Por enquanto, têm que se submeter à vaga de emprego que lhe sobra pois é urgente a sobrevivência.

O capital, por sua vez, como mostra Harvey, tem obsessão pela aceleração do tempo, permitindo que o ritmo de seu giro se intensifique cada vez mais, contando, ainda com apoio das instituições do Estado. Então, fica muito difícil para esses sujeitos sociais, sem uma organização coletiva, como havia no passado, através do sindicato, da militância, da organização local, conseguir perceber uma saída para a situação em que se encontram.

Ao mesmo tempo que a urbanização e o setor imobiliário representam uma estratégia que pode ajudar a minorar a crise econômica, gerando empregos, também é a estratégia adotada pelo capital para se reproduzir, o que se apresenta como mais uma contradição. O capital financeiro vem mostrando sua capacidade de se envolver cada vez menos em atividades produtivas, enquanto as alternativas dos sujeitos sociais de Cantagalo para se manter se encontram justamente nesse setor. E sempre existem formas de cooptação dos indivíduos pela fascinante Sociedade do Espetáculo,

nas modernidades oferecidas como o Banco 24 Horas, mais recentemente, ou no desejo por adquirir uma moto ou um carro. O capital e os sujeitos sociais de Cantagalo percorrem caminhos diferentes, esses se ajeitando na produção e nos serviços, mas sendo engolidos por aquele, que caminha em outro ritmo. Assim, Cantagalo cria e preserva o *verde*, o capital o destrói para, no instante seguinte, vender a ideia do verde que destruiu.

A lógica do que está acontecendo com o urbano pode levar a consequências trágicas. Ao mesmo tempo em que a cidade se expande em direção a Cantagalo, a terra se valoriza para expulsar seus habitantes. Mas o capital não parece mudar sua estratégia na medida em que é no urbano que busca a solução de seus problemas tendo o espaço como esfera de possibilidades; e como mostra Harvey, se expande exponencialmente, como uma espiral, “espiralando fora do controle” (HARVEY, 2018). O espaço-tempo não pode ser dado como acabado nem é definitivo. Também as inúmeras variáveis que o influenciam estão fora de nosso controle mas, ao mesmo tempo, pode ser retardada a chegada de umas ou neutralizado o efeito de outras. Mas precisa acontecer. E é o que os sujeitos sociais da Fazenda Cantagalo fazem: plenificam sua existência naquele espaço que constitui seu mundo e sua vida, alimentando-se de esperança.

Referências

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. 1ª.ed. São Paulo: Boitempo, 2018, 325 p.

CÂNDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Livraria Duas Cidades Ltda. 5ª. edição, 1979, 284 p.

CARLOS, A.F.A. “Da organização à produção do espaço no movimento do pensamento geográfico.” In: CARLOS, A.F.A, SOUZA, M.L., SPOSITO, M.E.B. (org.) **A produção do espaço urbano: agentes e processo, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2018, 234 p.

CARLOS, A.F.C. **A cidade – o homem e a cidade – a cidade e o cidadão. De quem é o solo urbano?** São Paulo: Contexto, 2009.

CARLOS, Ana Fani A. **A Condição Espacial**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARLOS, Ana Fani A. **A virada espacial**. Mercator, Fortaleza, v.14, n.4, Número Especial, p.7-16, dez. 2015

FERREIRA, Alvaro. A imagem virtual transformada em paisagem e o desejo de esconder as tensões do espaço: por que falar em agentes, atores e mobilizações? In: FERREIRA, Alvaro et al. **Metropolização do espaço: gestão territorial e relações urbano-rurais**. Rio de Janeiro: Editora Consequência, 2013, p.53-74.

FIDELES, J. D.; MENEZES, C. F. A.; GONDIM, C. H. N.; SANTOS, G. D.; REIS, M. R.; CARVALHO, R. S. P. ; FARIAS, V. A. . **Lei nº 8.629/1993 Comentada por Procuradores Federais**. 2ª Edição revisada e atualizada. 2. ed. Brasília: Incra, 2018. v. 1. 368p .

GALVÃO, Maria do Carmo Corrêa. **Percursos Geográficos**. Rio de Janeiro: Lamparina, PPGG/UFRJ, 2009

HARVEY, D. **17 Contradições e o fim do capitalismo**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1ª. ed, 2016, 297 p.

HARVEY, D. **A loucura da razão econômica: Marx e o capital no século XXI**. 1ª. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018, 223 p.

HARVEY, D. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011, 1ª. ed, 235 p.

HARVEY, D. **O Espaço como Palavra-Chave**. Original: Harvey, D. 2006. Space as a keyword. In: Castree, Noel.; Gregory, Derek. (Eds.) David Harvey: a critical reader. Malden e Oxford: Blackwell. Tradução livre: Letícia Gianella. Revisão técnica: Rogério Haesbaert e Juliana Nunes.

HARVEY, D. **Os limites do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013, 1ª. ed, 591 p.

LÉFÈBVRE, H. A cidade e o urbano. In: LEFEBVRE, Henri. **Espaço e Política**. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 79-88 (LEFEBVRE, Henri. La ciudad y lo urbano. In: LEFEBVRE, Henri. Espacio y política: El derecho a la ciudad II. Barcelona: Península, 1976, p. 63-71.)

LÉFÈBVRE, H. **A produção do espaço**. Original: La production de l'espace. 1991; 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Tradução: Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins.

LÉFÈBVRE, H. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, 178 p.

LÉFÈBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo, Ática, 1991.

LÉFÈBVRE, H. **O direito à cidade**. Centauro Editora, São Paulo, 2011 [1991].

LÉFÈBVRE, H. **O Vale de Campan**: estudo de sociologia rural/Henri Léfèbvre; tradução: Ana Cristina Mota Silva, Anselmo Alfredo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011, 304 p.

LÉFÈBVRE, H. Quand la ville se perd dans la métamorphose planétaire. In: **Le Monde Diplomatique**. Paris, Nº 3, février 2004, p. 21- 23. (Texto traduzido por Sandra Lencioni. Quando a cidade se perde na metamorfose planetária).

LENCIONI, S. **Agricultura e Urbanização**. A capitalização no campo e a transformação da cidade. Jardinópolis, o estudo de um lugar, USP, São Paulo, 1985.

LENCIONI, S. **Concentração e Centralização das atividades urbanas**: uma perspectiva multiescalar. Reflexões a partir do caso de São Paulo. Revista de Geografia Norte Grande, v. 39, p. 7-20, 2008.

LENCIONI, S. **Metropolização do espaço**: processos e dinâmicas. In: Metropolização do espaço, gestão territorial e relações urbano rurais. Rio de Janeiro, 2013.

LENCIONI, S. **Totalidades e Tríades**: compreendendo o pensamento de Lefebvre. In: LENCIONI, Sandra. Metrópole, Metropolização e Regionalização. 1. Ed – Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017.

PENSANDO DIREITO. **David Harvey: a economia política da urbanização**. Disponível em: <http://pensando.mj.gov.br/>. Acesso em 26 out. 2018.

PEREIRA, Paulo Cesar Xavier. **Preço e Valor na Financeirização da Produção do Espaço**. III SIMEGER Simpósio Internacional Metropolização do Espaço, Gestão Territorial e Relações Urbano-Rurais. PUC-Rio, 2016.

RUA, J. **Urbanidades no rural: em um trecho da região serrana Fluminense – a rodovia Teresópolis-Nova Friburgo**. In: I Encontro de Grupos de Pesquisa – Agricultura, desenvolvimento regional e transformações sócio-espaciais, Rio de Janeiro, 2005.

RUA, João. **Continuidade ou ruptura na expansão da metrópole para além de seus limites formais: urbanidades no rural?** In: RANDOLPH, Rainer; SOUTHERN, Barbra C. (orgs.) Expansão metropolitana e transformações das interfaces entre cidade, campo e região na América Latina. São Paulo: Max Limonad, 2011.

RUA, João. Desenvolvimento, Espaço e Sustentabilidades: In: RUA, João (Org.). **Paisagem, Espaço e Sustentabilidades**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2007.

RUA, João. **Desenvolvimentos e sustentabilidades**: uma perspectiva geográfica. In: OLIVEIRA, Márcio P.; COELHO, Maria Célia N.; CORRÊA, Aureanice de M. O Brasil, a América Latina e o Mundo: Espacialidades Contemporâneas. Rio de Janeiro. Lamparina. 2008.

RUA, João. **No Estado do Rio de Janeiro: O lugar de um lugar rural em um espaço de metropolização.** In: FERREIRA, Alvaro; RUA, João; MATTOS, Regina Célia. O espaço e a metropolização: Cotidiano e ação. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.

RUA, João. **Urbanidades no rural: o devir de novas territorialidades.** Campo-Território: Revista de Geografia Agrária, Uberlândia, v.1, n.1, p. 82-106, fev. 2006.

RUA, João. **Urbanização em Áreas Rurais no Estado do Rio de Janeiro.** In: MARAFON, Gláucio José; RIBEIRO, Marta Foepel (Org.). **Estudos de Geografia Fluminense.** 1 Ed. Rio de Janeiro: Editora Infobook Ltda, 2002. 208 p.

SANTOS, M. **A metamorfose do espaço habitado-** fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo. Editora Hucitec. 1988.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4 ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão.** 7 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SEABRA, O.C.L. **O pensamento de Henri Léfèbvre e a Geografia.** <http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/article/view/875/769>. Acesso em 21 jul 2019.

VOLOCHKO, Danilo. **A moradia como negócio e valorização do espaço urbano metropolitano.** In: CARLOS, A.F.A.VOLOCHKO, D. ALVAREZ, I.P (org), 1ª. ed, São Paulo: Contexto, 2018, 272 p.

XAVIER, Glauber Lopes Xavier. **As incompreensões de um novo sentido da terra: bases de um tratado de sociologia rural segundo Henri Léfèbvre.** Raízes.2011. Cadernos CERU, 22(1), 133-146. Disponível em:< <https://doi.org/10.1590/S1413-45192011000100009>>. Acesso em 3 ago 2018.

Recebido em 22 ago. 2020;
aceito em 20 set. 2020.